

Vídeo mostra falência do sistema de Saúde

ANA PAULA MACEDO

Um plano geral do Hospital de Base. É a primeira imagem do vídeo "A Saúde é sua", uma iniciativa de 11 entidades sindicais ligadas ao serviço de saúde pública da cidade, apenas prepara, de forma amena, o telespectador para uma viagem profunda nas deficiências do sistema. Primeiro, mostra-se apenas a importância dos prédios de saúde mais conhecidos, panorâmicas da capital federal, mesclando as imagens com a informação de que o sistema hospitalar atrai gente de todo o País. "Alguns aspectos funcionam, outros não", adverte o texto.

É esta a preocupação dos 20 minutos de fita, dos quais a população já conhece há quase duas semanas, alguns segundos, que vêm sendo veiculados em forma de propaganda por algumas emissoras de televisão. Logo na apresentação do vídeo, a explicação, escrita em fundo vermelho: "Este documentário faz parte de uma campanha publicitária em defesa dos Serviços Públicos de Saúde". Diante disso, espera-se a ausência de reivindicações particulares dos profissionais da área, tão comuns em iniciativas sindicais. A expectativa não é frustrada. Pretendendo uma avaliação séria, o documentário se limita a diagnosticar o chamado "Gigante Doente".

Com roteiro do jornalista Jaime Sautchuck, o vídeo apresenta imagens de impacto, sempre procurando, de qualquer forma, fugir do sensacionalismo. Nos primeiros minutos, aparece como objetivo primordial conscientizar a comunidade sobre a defasagem existentes entre o crescimento populacional do DF e os projetos iniciais, que incluem o sistema de saúde pública. O assustador aumento demográfico também concorreu para a "situação caótica" de uma "saúde que pede socorro".

Citando as moradias humildes da periferia, os baixos salários, alta da inflação e deficiências na área do ensino, o documentário ressalta a necessidade de uma estrutura de saúde que funcione. "Para toda a cidade, não apenas para a Praça dos Três Poderes".

Taxando a rede hospitalar como "grande, mas ineficiente, apesar dos excelentes profissionais, as entidades sindicais denunciavam a falta de uma política definida para o setor, que seria uma consequência direta dos "governos bilônicos que se sucedem no Palácio do Buriti".

SETORES PRIVADOS

Em seguida ao Governo, a rede privada surge como alvo das reclamações. Investindo "mais no luxo e na aparência", os hospitais e casas de saúde particulares são acusados de enriquecerem às custas dos baixos salários pagos e de um atendimento nem tão eficiente. Em depoimento, o médico Mário César adverte que a rede privada "não é uma maravilha" e que a real saída está no investimento do sistema público.

Um sistema que "nasceu com a cidade, mas não cresceu". Com novas tomadas de hospitais e da inauguração de Brasília, o documentário lembra a implantação, em 1960, do Plano Geral da Rede Médica Hospitalar do DF. Nove anos depois, viria o Plano de Assistência à Saúde. Os projetos, porém, conforme destaca a fita, não previam um crescimento tão acentuado da população, o que teria forçado uma desvirtuação das funções dos Centros de Saúde. O resultado disso é trágico: "Salvar doentes da morte é mais importante do que evitar doenças", o que em outras palavras revela a quase inexistência de tratamento preventivos.

Prontos-socorros congestionados tentam garantir à população uma medicina preventiva, curativa e de reabilitação. Uma distorção, na opinião sindical. Como na Inglaterra e China, frisa o documentário, o projeto original da rede brasiliense previa o recurso à área de moradia como um primeiro contato. O plano, contudo, tornou-se inviável com as deficiências.

O QUE DA CERTO

Mas nem tudo é negativismo. Alguns serviços, como o Hemocentro e o Instituto de Saúde merecem destaque pela qualidade de

equipamento e profissionais. O Centro de Saúde localizado na entrequadra 508/509 Sul, também. Lá são atendidos os casos de tuberculose e hanseníase, desenvolvem-se exames e, constatadas as doenças, toda a família do paciente é procurada para consultas, além de orientações básicas. "É possível citar áreas que são exemplo de eficiência e atraem outros estados", assegura o médico Wilber Antônio Oliveira Belo.

A população, no entanto, nem sempre desfruta do privilégio. E a partir daí as imagens são dramáticas. Pacientes recebendo atendimento nos corredores dos hospitais e a triste informação de que a população do Plano Piloto — aproximadamente 620 mil habitantes — contam com cerca de 1 mil 600 leitos, enquanto na Ceilândia, onde reside quase o mesmo número de pessoas, há apenas 149 vagas.

Uma panorâmica de prateleiras de remédios vazias completa o quadro. "Falta do esparadrapo ao soro. As vezes até aspirina". Isto apenas em relação a medicamentos. O que dizer sobre profissionais? A Organização Mundial de Saúde, de acordo com o documentário, estabelece que deviam existir três enfermeiros para cada médico. "Aqui há três médicos para cada enfermeiro. O inverso da recomendação", lamenta o locutor.

O reflexo disso é vivenciado pelos próprios parentes das vítimas que aparecem no vídeo, que num verdadeiro "teste pessoal" se vêem obrigados a transportar pacientes por falta de atendentes. Os principais exemplos de precariedade são Taguatinga, Ceilândia e Gama. Tomadas no Hospital Regional de Taguatinga provam a insatisfação. A sujeira nos corredores e deficiência de asseio na cozinha tornam "enorme o risco de infecção". "O paciente não sabe se vai para a vida ou morte".

GRAVIDADE

Ao falar do Hospital Regional do Gama, as portas da instituição se abrem no vídeo como um convite para o horror. A música forte completa a expectativa. Depois, vários flashes de doentes graves à espera de

um atendimento ou tratamento mais adequado. "Descaso de um serviço que tinha tudo para servir bem a comunidade". Sem recursos, o jeito é se contentar com uma maca no corredor. Dependendo da situação, valem até os bancos ou um pedaço de chão. O documentário enfatiza que estes mesmos problemas fazem parte do cotidiano dos Hospitais de Sobradinho, Planaltina e HBB.

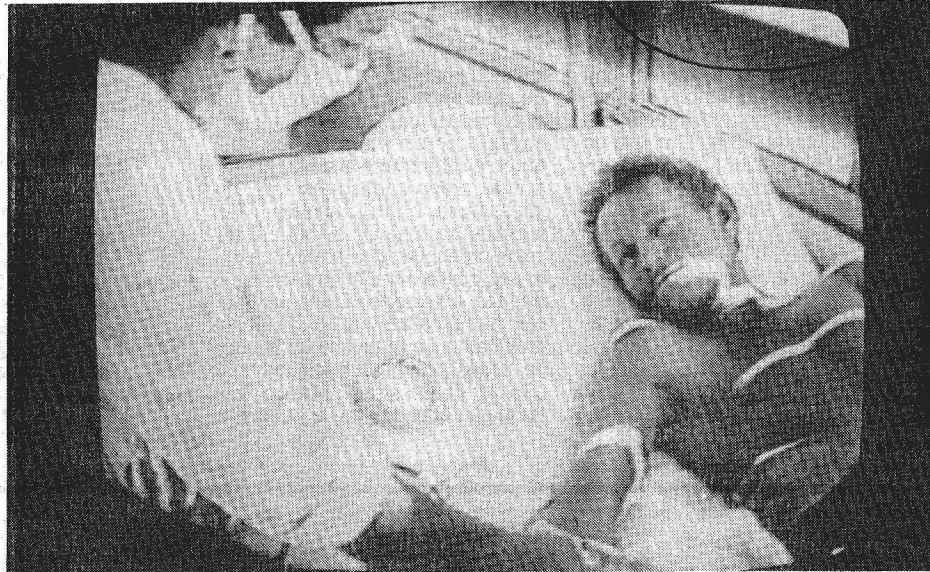
A fita prevê ainda que dentro de alguns anos Brasília poderá se transformar na "cidade dos desdentados". Projetos odontológicos bem que existem, mas "nunca saem do papel". A situação é a mesma em relação à saúde mental. E simultaneamente as imagens do Hospital São Vicente de Paula, o locutor anuncia que em toda a rede há apenas 30 psicólogos.

Em seguida, o vídeo denuncia os interesses "em jogo" destinados a retardar o desenvolvimento do setor. "Muitas são as forças que querem o sistema falido". Além dos vários grupos da área privada, licitações consideradas duvidosas receberam ênfase. Como o caso da Santa Bárbara, que há anos vem sendo responsável pelas obras no HBB. "Sem novas licitações".

A implantação do SUS (Sistema Único de Saúde), deferido pela Constituição, é reivindicada com veemência. Todos os órgãos de saúde atuando de maneira integrada. "Mas feliz é a pessoa atendida no Sarah Kubitschek", considera o documentário mostrando o hospital, que vem se recusando, assim como o Hospital das Forças Armadas, a fazer parte do sistema. E pedindo maior atenção do governo que o documentário termina.

Caberá agora à comunidade debater a mensagem, o que já vem sendo feito em diversas satélites, como o Gama. Aos mais interessados vale ainda o convite. No dia 25 do próximo mês será realizado no Centro de Convenções o I Fórum em Defesa dos Serviços Públicos de saúde do Distrito Federal. E para o clámax, as entidades envolvidas argumentam que "A saúde é sua, o hospital é nosso", mas que "a luta é de todos". A saída é conferir.

IVALDO CAVALCANTE



Imagens de impacto desnudam o atendimento médico no Distrito Federal